



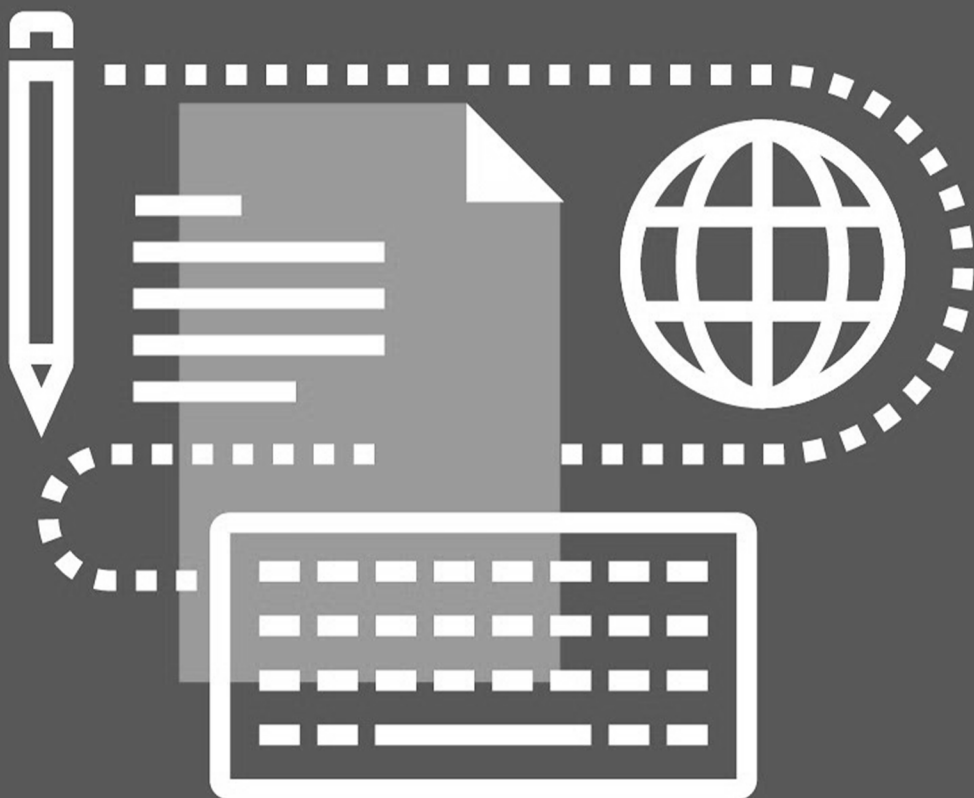
EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)


Ano 2020



EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense

Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa

Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Eivaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza

Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Educação: atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado

8

Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário: Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E24 Educação [recurso eletrônico] : atualidade e capacidade de transformação do conhecimento gerado 8 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-286-9

DOI 10.22533/at.ed.869201208

1. Educação – Pesquisa – Brasil. 2. Planejamento educacional.
I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br


Ano 2020

APRESENTAÇÃO

Diante do atual cenário educacional brasileiro, resultado de constantes ataques deferidos ao longo da história, faz-se pertinente colocar no centro da discussão as diferentes questões educacionais, valorizando formas particulares de fazer ciência. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas educacionais postos pela contemporaneidade é um desafio, aceito por muitos professores pesquisadores brasileiros.

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo destrato constante nos últimos anos, principalmente no que tange ao valorizar a sua produção científica. Precisamos criar diferentes espaços de resistência a todos os retrocessos que nos estão sendo impostos. O oitavo volume deste livro, intitulado “**Educação: Atualidade e Capacidade de Transformação do Conhecimento Gerado**”, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, aqueles e aquelas que pensam e inter cruzam as diferentes problemáticas educacionais.

Este livro, portanto, reúne trabalhos de pesquisa e experiências em diversos espaços, com o intuito de promover um amplo debate acerca das diversas problemáticas que permeiam o contexto educacional brasileiro. Os capítulos que compõe essa obra abordam, de forma interdisciplinar, a partir da realização de pesquisas, relatos de casos e revisões, problemas e situações comuns a Educação.

Por fim, ao levar em consideração todos os elementos que apresentamos anteriormente, esta obra, a partir das discussões que emergem de suas páginas, constitui-se enquanto importante leitura para aqueles que fazem Educação no país ou aqueles que se interessam pelas temáticas aqui discutidas. Nesse sentido, desejo uma boa leitura a todos e a todas.

Américo Junior Nunes da Silva

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
BRINQUEDO DE MIRITI COMO RECURSO DIDÁTICO DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ILHA PARAMAJÓ	
Jonata da Trindade Ferreira Maria do Socorro Fonseca Rodrigues José Francisco da Silva Costa Manoel Carlos Guimarães da Silva Ana Paula Trindade de Freitas Benezade Barreto da Trindade Maria da Trindade Rodrigues de Sarges Jhonys Benek Rodrigues de Sarges João Batista Santos de Sarges Maria Flaviana Couto da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8692012081	
CAPÍTULO 2	17
RELATO DE EXPERIÊNCIA: ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL LEILA DE FÁTIMA ALVAREZ CASSAB - PEIXINHO SONHADOR: OLHAR DA GESTÃO ESCOLAR	
Solange Santos Ferreira dos Reis Maria Elena Mangiolardo Mariño Silvia Ferreira Mendes da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8692012082	
CAPÍTULO 3	24
TEXTO LITERÁRIO: TECENDO FIOS INTERDISCIPLINARES	
Verônica Maria de Araújo Pontes André de Araújo Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.8692012083	
CAPÍTULO 4	36
VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS PRESENTES NO FILME TAPETE VERMELHO	
Rannya Maygia de Melo Duarte Francisca Verônica Pereira Moreira Jonatas Queiroga Guimarães Silvânia Lúcia de Araújo Silva	
DOI 10.22533/at.ed.8692012084	
CAPÍTULO 5	45
A AVENTURA DE APRENDER A LER E ESCREVER EM <i>UMA PROFESSORA MUITO MALUQUINHA</i>	
Josenildo Oliveira de Morais	
DOI 10.22533/at.ed.8692012085	
CAPÍTULO 6	57
RESPONSIVIDADE E MULTILETRAMENTOS NO ENSINO FUNDAMENTAL	
Jannayna Maria Nobre Sombra Risleide Rosa Freire de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.8692012086	

CAPÍTULO 7	69
TRIBOS URBANAS: UMA OFICINA INTERDISCIPLINAR NO CENTRO JUVENIL DE CIÊNCIA E CULTURA BARREIRAS BAHIA	
Eliane da Silva Nunes Laisa Macedo Brandão	
DOI 10.22533/at.ed.8692012087	
CAPÍTULO 8	78
A REELABORAÇÃO SOCIOCULTURAL NA GEOGRAFIA ESCOLAR: O CASO DA ESCOLA MUNICIPAL INDÍGENA ATIKUM	
Édila Bianca Monfardini Borges Valney Dias Rigonato	
DOI 10.22533/at.ed.8692012088	
CAPÍTULO 9	94
A ESCOLA SÃO JOÃO DO TAUAPE	
Juscelino Chaves Sales	
DOI 10.22533/at.ed.8692012089	
CAPÍTULO 10	98
(IN) DISCIPLINA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: CONCEPÇÕES EM ANÁLISE	
Evanileide Patrícia Lima Figueira Elianeth Dias Kanthack Hernandes	
DOI 10.22533/at.ed.86920120810	
CAPÍTULO 11	106
A SENSIBILIDADE DO OLHAR DA CRIANÇA	
Miramar Oliveira da Silva Araújo Leila Mara da Silva Viana	
DOI 10.22533/at.ed.86920120811	
CAPÍTULO 12	116
ENSINO DE CARTOGRAFIA E A BNCC EM SALA DE AULA	
Ricardo Acácio de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.86920120812	
CAPÍTULO 13	122
AUTORIA NA ESCOLA: A VOZ DO GRÊMIO NA WEB RÁDIO ESCOLAR	
Arisnaldo Adriano da Cunha Fabrícia Cristiane Guckert Cláudio de Musacchio	
DOI 10.22533/at.ed.86920120813	
CAPÍTULO 14	133
DESENHO INFANTIL: UNIVERSO IMAGINÁRIO DAS CRIANÇAS DE 5 ANOS	
Maria Auxiliadora Alves Arrais Barbosa Angélica Aparecida da Silva Marta de Oliveira Carvalho Fábio Santos da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.86920120814	

CAPÍTULO 15	139
A UTILIZAÇÃO DE PROPOSTAS SENSORIAIS E DE MOVIMENTO NAS AULAS DE MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Juliana Boff Aramayo Cruz Camile Tatiane de Oliveira Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.86920120815	
CAPÍTULO 16	148
AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS EM UMA VIVÊNCIA ESCOLAR NA PROVÍNCIA DE YUNNAN, CHINA	
Ismete Ahmeti Germana Ponce de Leon Ramirez	
DOI 10.22533/at.ed.86920120816	
CAPÍTULO 17	162
EDUCAÇÃO INFANTIL: PARTICIPAÇÃO DA CRIANÇA NO COTIDIANO COM EQUIDADE	
Denise Bueno da Silva Mareli Eliane Graupe	
DOI 10.22533/at.ed.86920120817	
CAPÍTULO 18	167
AMIZADE NA ESCOLA: UM ESTUDO COM CRIANÇAS DO 4º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Izabela Dellangelica Carvalho de Oliveira Jussara Cristina Barboza Tortella	
DOI 10.22533/at.ed.86920120818	
CAPÍTULO 19	180
O COLORIR COMO OBJETO DE ENSINO, UMA BREVE SEQUÊNCIA DIDÁTICA	
Ana Julia Zainun Laura Cunha Hanitzsch Ana Paula Pacheco Moraes Maturana	
DOI 10.22533/at.ed.86920120819	
CAPÍTULO 20	188
INVESTIGAÇÕES EM EDUCAÇÃO MUSICAL E EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	
Cristina Rolim Wolffenbüttel Sita Mara Lopes Sant'Anna	
DOI 10.22533/at.ed.86920120820	
CAPÍTULO 21	197
REFORMULAÇÕES DOS PROJETOS POLÍTICO-PEDAGÓGICOS DAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES MUNICIPAIS	
Francieli Axman Tavares Duarte Antonio Carlos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.86920120821	
SOBRE O ORGANIZADOR	205
ÍNDICE REMISSIVO	206

BRINQUEDO DE MIRITI COMO RECURSO DIDÁTICO DE APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA NO ENSINO FUNDAMENTAL NA ILHA PARAMAJÓ

Data de aceite: 03/08/2020

Jonata da Trindade Ferreira

UVA- universidade Vale do Acaraú

Abaetetuba- Pará

<http://lattes.cnpq.br/9989063385152987>

Maria do Socorro Fonseca Rodrigues

UVA- universidade Vale do Acaraú

Belém- Pará

José Francisco da Silva Costa

UFPA

Abaetetuba- Pará

<http://lattes.cnpq.br/9492719731740641>

Manoel Carlos Guimarães da Silva

UFPA

Abaetetuba-Pará

<http://lattes.cnpq.br/9376598617093001>

Ana Paula Trindade de Freitas

UVA- universidade Vale do Acaraú

Belém-Pará

<http://lattes.cnpq.br/5839564325949356>

Benezade Barreto da Trindade

FLATED (2011)

Abaetetuba-Pará

<http://lattes.cnpq.br/5042657901074152>

Maria da Trindade Rodrigues de Sarges

UFPA

Abaetetuba-Pará

<http://lattes.cnpq.br/7415587556314364>

Jhonys Benek Rodrigues de Sarges

Faculdade Ipiranga

Belém-Pará

<http://lattes.cnpq.br/3018412527317477>

João Batista Santos de Sarges

Instituto Superior de Teologia Aplicada, INTA,

Brasil

Abaetetuba-Pará

<http://lattes.cnpq.br/8590134907480697>

Maria Flaviana Couto da Silva

UFPA

Belém-Pará

<http://lattes.cnpq.br/8553614755764402>

RESUMO: A presente pesquisa desenvolveu o tema “Brinquedo de Miriti como recurso de aprendizagem no Ensino Fundamental, oportunizando a análise, interpretação e visualização da cultura do miriti como recurso didático no processo ensino-aprendizagem, das séries iniciais do Ensino Fundamental no município de Abaetetuba. Os dados obtidos através do corpo docente, na observação e aplicação das práticas pedagógicas vivenciadas possibilitaram a abordagem qualitativa do trabalho. O objeto cultural é manuseado pelo aluno, com as práticas repassadas de pais para filhos na observância do fazer tradicional.

Professores da cidade de Asilhas levam o material para a sala de aula e como os alunos confeccionam brinquedos ligados à realidade cotidiana que produzem textos, constroem palavras e aprofundam conhecimentos sobre o surgimento desta arte, o espaço de onde é retirado, pratica cálculos de tempo de plantio e colheita e os recursos necessários à produção. Dessa forma o brinquedo de miriti é usado na contextualização didático-pedagógica, além de sua importância como fator de geração de emprego e renda. Os docentes trabalham, interagindo na construção de conhecimentos, que qualificam e ampliam a cultura do miriti. Suas dificuldades ficam por conta da falta de materiais de apoio, não fornecidos pelo órgão gestor e de transporte para que os alunos participem de eventos ligados a cultura.

PALAVRAS-CHAVE: cultura, miriti, aprendizagem, contextualização.

ABSTRACT: This research developed the theme “Miriti Toy as a learning resource in Elementary School, providing the opportunity to analyze, interpret and visualize the culture of miriti as a didactic resource in the teaching-learning process, from the initial grades of Elementary School in the municipality of Abaetetuba. data obtained through the teaching staff, in the observation and application of the pedagogical practices experienced, enabled the qualitative approach of the work. The cultural object is handled by the student, with the practices passed on from parents to children in the observance of traditional doing. take the material to the classroom and with students make toys linked to everyday reality that produce texts, build words and deepen knowledge about the emergence of this art, the space from which it is taken, practices calculations of planting and harvesting time and the resources necessary for production. Thus, the miriti toy is used in the didactic-pedagogical context, in addition to its importance as a factor in generating employment and income. Teachers work, interacting in the construction knowledge, which qualifies and expands the culture of the miriti. Their difficulties are due to the lack of support materials, not provided by the governing body and transportation for students to participate in events related to culture.

KEYWORDS: culture, miriti, learning, contextualization.

1 | INTRODUÇÃO

A proposta temática referente à “Brinquedo de Miriti: Recurso de Aprendizagem Escolar no Ensino Fundamental” apresentada na pesquisa, justifica-se pela necessidade de compreender e divulgar a prática do uso do brinquedo de miriti, como recurso auxiliar no processo ensino-aprendizagem do Município de Abaetetuba. Para responder questionamentos de investigação quanto aos pontos levantados nas questões que o nortearam, o trabalho efetivou-se com estudos teóricos, coleta e análise de dados observados na prática pedagógica.

A interligação da cultura local com os pressupostos teóricos oportunizou a identificação da forma como a vivência do povo, seus costumes, a história mesclada de saber cotidiano, repassados informalmente de pais para filhos, aprofunda o conhecimento de aspectos

naturais, sociais e pedagógicos que fazem parte do dia-a-dia dos ribeiros e cidadãos de Abaetetuba. No caso do miriti que forma o conjunto artístico sociocultural e econômico, uma vez que o trabalho do artesão ultrapassou as fronteiras e é hoje fator de geração de emprego e renda, garantindo a melhoria da qualidade de vida de famílias e comerciantes.

A impressão positiva-negativas, com ênfase a realidade vivenciada desde a infância, como se parte da vida fosse. São análises de resultados que abordam aspectos de valorização cultural, de aplicações teóricas de conhecimentos muitas vezes distantes de profissionais cuja formação restringe-se a cursos de nível médio. No entanto na prática, a sabedora popular arraigada aos costumes, transcende as teorias e se apresenta de forma plena.

São escolas localizadas nos mais longínquos sítios, improvisadas ou não, mas que sofrem o mesmo mal de tantas outras: o descaso de governantes a tentativa do “uso” politiquero partidário de pessoas, espaços e recursos com o objetivo de vitória nas urnas. E durante quatro anos esquecem. No entanto, são famílias, alunos, professores, funcionários, artesãos, povo, os verdadeiros vitoriosos quando conseguem superar problemas e mostrar resultados que envaidecem pelas conquistas e superação dos obstáculos. São na verdade, “homens e mulheres fortes e valentes”.

2 | A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Levar o aluno a construir o protagonismo educacional, com certeza, é a grande meta do professor em sala de aula. Muito comum no contexto educacional, as indagações constantes de como promover um aprendizado significativo por parte dos alunos, têm tomado atenção de professores, coordenação e pesquisadores. A partir da teoria de Ausubel¹ (1978), essas inquietações passaram a serem respondidas de maneira eficiente e concreta. De maneira simples, resume MOREIRA (2006, p. 38) o que vem a ser a aprendizagem significativa: “a aprendizagem significativa é o processo por meio do qual novas informações adquirem significado por interação (não associação) com aspectos relevantes preexistentes na estrutura cognitiva”.

Nesse mesmo sentido Bida e Carneiro de Paula (2008), destacam que Ausubel afirmou que a aprendizagem ocorre quando uma nova informação ancora-se em conceitos já presentes nas experiências de aprendizado anteriores e, por isso, o fator mais importante que influencia na aprendizagem consiste no que o aluno sabe. Ao postular mecanismos de explicação dos processos psicológicos de aprendizagem humana, Ausubel criou a

1. Pesquisador norte-americano David Paul Ausubel (1918-2008) nascido em Nova York, nos Estados Unidos, Ausubel era filho de imigrantes judeus. Seu interesse pela forma como ocorre a aprendizagem é resultado do sofrimento que ele passou nas escolas norte-americanas. A concepção de ensino e aprendizagem de Ausubel segue na linha oposta à dos behavioristas. Para ele, aprender significativamente é ampliar e reconfigurar ideias já existentes na estrutura mental e com isso ser capaz de relacionar e acessar novos conteúdos, dizia que, quanto mais sabemos, mais aprendemos. Quando sua teoria foi apresentada, em 1963, as ideias behavioristas predominavam. Acreditava-se na influência do meio sobre o sujeito. O que os estudantes sabiam não era considerado e entendia-se que só aprenderiam se fossem ensinados por alguém.

teoria cognitiva de aprendizagem significativa em oposição a uma aprendizagem por memorização. Para isso, formulou sua proposta dispondo conceitos importantes que inspiram uma profunda reflexão sobre o que é ensinar e aprender, particularmente em contextos escolares, de sala de aula, em que a aprendizagem verbal embora não seja exclusiva, é no mínimo dominante.

O grande salto de Ausubel em relação às outras teorias de cunho construtivista foi ter testado e comprovado que tanto a aprendizagem por descoberta quanto por recepção podem ser significativa ou memorística, contrariando assim, a defesa de outros cognitivistas, ao conceberem que para a aprendizagem ser significativa, esta precisa ser sempre por descoberta, seja essa autônoma – defendida por Piaget – ou mediada – defendida por Vygotsky (MOREIRA, 2006).

Então, do ponto de vista ausubeliano a aprendizagem por recepção é aquela em que uma informação é dada ao aprendiz por meio de aulas do tipo expositiva e o sentido que esse aprendiz dará a essa informação poderá ser significativo ou memorístico. Nesse sentido, Ausubel (2003) justifica:

[...] que reflete o novo interesse para com a aprendizagem por recepção significativa através de um ensino expositivo e de materiais de instrução apropriados, tem sido o declínio das abordagens da 'aprendizagem pela descoberta', da 'aprendizagem processual', da 'aprendizagem pela investigação', etc. Esta última tendência tem sido acompanhada por uma vaga de interesses pelos fatores epistemológicos da aprendizagem. (AUSUBEL, 2003, p. 16)

Mesmo explicando de forma fundamentada e testada a importância de sua proposta, os termos 'aquisição', 'retenção' e 'recepção' utilizados por Ausubel (2003), receberam, embora sem nenhuma justificativa plausível, muitas críticas, ao pressuporem que estes remetem a ideias de instrução e de aprendizagem por memorização, por meio de abordagens passivas, autoritárias e mecânicas. Contudo, a proposta ausubeliana tem em conta todas as variáveis relevantes que afetam a aprendizagem significativa, se incluído também, a aprendizagem por descoberta.

Além disso, a abordagem cognitiva da aprendizagem escolar e da aquisição, retenção e organização de conhecimentos na estrutura cognitiva do aprendiz, implicam num contexto de aprendizagem significativo, com a utilização de material de aprendizagem verbal potencialmente significativo. Portanto, a aprendizagem significativa (HOWE, 1972) por recepção não é um processo passivo, ao contrário, é, essencialmente, um processo ativo, que exige ação e reflexão do aprendiz (BIDA e CARNEIRA, 2008).

2.1 Estrutura Cognitiva

Ausubel (2003) definiu a estrutura cognitiva como sendo uma área do cérebro humano onde são adquiridas, armazenadas e organizadas as ideias de forma hierárquica. Sendo esta, única em cada indivíduo, assim, “[...] todos os novos significados adquiridos são, também eles, obrigatoriamente únicos” (AUSUBEL, 2003, p. 1).

Para Ausubel (2003), a estrutura cognitiva de cada indivíduo é como uma rede conceitual extremamente organizada e hierarquizada, conforme o grau de abstração – parte de um todo – e de generalização – do geral para as partes. É o espaço em que as várias ideias se concatenam de acordo com a relação que se estabelece entre elas. É nesta estrutura que se ancoram e se reordenam novos conceitos e ideias que o indivíduo vai progressivamente internalizando e aprendendo.

Ausubel (2003, p. 142) destaca que:

[...] os conceitos e as proposições adquirem os significados e são armazenados hierarquicamente (não linearmente) na memória, sendo relacionados, de formas semânticas (nem associativas, nem sintáticas) particulares, a ideias particulares numa estrutura cognitiva hierarquicamente organizada, com significados estáveis e explícitos; e o processo de retenção dos mesmos não implica manter uma relação essencialmente sintática ou associativa com uma rede proposicional, mas antes manter a dissociabilidade desses significados em relação a significados mais gerais e inclusivos das ideias estabelecidas na estrutura cognitiva que os assimila de forma semântica.

Para melhor conotar a citação acima, imaginem que um lençol de retalhos seja a estrutura cognitiva de alguém e que, inicialmente esse lençol tenha apenas um retalho, depois novos retalhos são agregados ao primeiro e, assim sucessivamente, até que o lençol fique no tamanho desejado. Agora interprete que a estrutura cognitiva – lençol tinha em sua base um conceito – primeiro retalho (conhecimento prévio), foi-se acrescentando novos retalhos – novos conceitos (novas informações), de forma sequencial foram pregados um conceito ao outro – estabelecendo relações entre os conceitos, havendo uma ampliação na estrutura cognitiva – o lençol acabado.

Como pode ser observado na analogia feita acima, na perspectiva ausubeliana, a estrutura cognitiva é tida como dinâmica e está em constante modificação em virtude das diversas experiências e aprendizados que cada ser humano tem. Tal processo não ocorre de forma automática, ou seja, não é suficiente apenas uma nova ideia para mudar toda a estrutura cognitiva de uma pessoa. O que faz uma estrutura cognitiva ser rica, não é a quantidade de conceitos que está disposta e sim, o requinte das relações estabelecidas nela.

Para explicar a ocorrência dos processos cognitivos de um aprendiz, Ausubel (2003) utiliza as palavras ideias âncoras ou subsunçores, conceitos, proposições e organizadores avançados. Ideias âncoras ou subsunçores são conceitos que o aprendiz dispõe previamente em sua estrutura cognitiva, servindo para ancorar ou subsumir novas ideias lançadas na estrutura cognitiva. Portanto, durante uma aprendizagem:

[...] o teor e a substância distintas de uma ideia apreendida e subsumida de forma significativa é, no início, dissociável da ideia ancorada (subsunçora), perdendo gradualmente a dissociabilidade e sendo, por fim, completamente assimilada pelo significado mais geral do subsunçor mais estável e inclusivo. (AUSUBEL, 2003, p. 44).

Percebe-se que ideias âncoras ou subsunçores referem-se aos conceitos prévios que o aprendiz já possui em sua estrutura cognitiva e que possuem relação com o conteúdo

novo a ser apreendido. Para isso, é necessário que estes conceitos existentes na estrutura cognitiva ajudem a ancorar ou subsumir uma nova ideia, de forma a estabelecer relação com o novo material a ser apreendido. Por exemplo, gato, cachorro e boi são subsunçores para se entender o conceito de mamíferos, mas papagaio, embora seja um conceito já existente para determinada pessoa, não se trata, neste caso, de um subsunçor, pelo menos não para o conceito de mamífero. Mas poderá sê-lo para galinha ou pato (BIDA e CARNEIRA, 2008). O uso de conceitos, na teoria ausubeliana, se justifica por sua abordagem considerar que:

[...] os seres humanos interpretam a experiência perceptual em termos de conceitos próprios de suas estruturas cognitivas e que os conceitos constituem a “matéria-prima” tanto para a aprendizagem receptiva como para a generalização das proposições para a solução de problemas. (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 72).

Assim, percebe-se que a essência do mundo é formada de conceitos, e não de objetos, eventos e situações e que, os conceitos consistem nas abstrações das características essenciais que são comuns a uma determinada categoria de objetos, eventos ou fenômenos. Dessa forma, no percurso da aquisição de conceitos, estes se tornam progressivamente menos ou mais globais e difusos, centrando-se principalmente nas características essenciais predominantes. Sendo assim, cada indivíduo dará sentidos denotativos ou conotativos para um dado conceito que pode ser concreto ou abstrato. Para o entendimento acerca das proposições, é preciso saber que estas por sua vez:

“[...] são descrições da realidade criadas pelo homem, e estas descrições mudam periodicamente à medida que seus conceitos ou suas proposições se alteram ou são rejeitados” (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1980, p. 75).

Portanto, a construção de proposições é alicerçada pelos conceitos estabelecidos, já que estas servem para descrevê-los.

2.2 Utilização do brinquedo de miriti como recurso ditático significativo

O planejamento escolar exige tempo, dedicação e flexibilidade na execução. As ações pedagógicas necessitam de recursos que auxiliam o processo ensino aprendizagem, facilitando a atuação, tanto aos educadores quando ao educando como agente de transformação e fixação do conhecimento, pois estes são componentes do ambiente de aprendizagem que dão origem à estimulação do aluno.

Os componentes de ensino ou componentes pedagógicos são o professor, o diretor, o supervisor, os livros, os mapas, os objetos físicos... Tais recursos favorecem a aquisição, a assimilação e a fixação de conhecimento ao aluno e ao professor, a facilitação do processo ensinar – aprender. Os objetivos de tais recursos usados adequadamente, devem: Motivar os alunos; Favorecer o processo de desenvolvimento da observação; Aproximar o aluno da sua própria realidade; Visualizar os conteúdos da aprendizagem; Favorece informações e dados; Permitir a fixação da aprendizagem; Ilustrar nações

abstratas e desenvolver a experimentação concreta.

Considerando os aspectos e estágios do desenvolvimento psíquico, na concepção piagetiana, as funções maturativas do indivíduo, proporcionam a aquisição de conhecimentos, responsável pela noção que se tem do mundo e de si mesmo; o pensamento lógico evolui desde os reflexos, que constituem a mais primitiva ação do homem sobre o mundo, até o pensamento operatório, próprio do adulto inteligente; a organização da realidade, desde o estado de indiferença entre o “eu” e o mundo, até as percepções complexas e a construção de conceitos. Também, de suma importância, desenvolve-se, paralelamente, a função da representação quando o objeto, acontecimento ou pessoa apresenta um “significado” qualquer, usando um “significante” (palavra, gesto, desenho, através da imitação, do jogo, da linguagem e da imagem mental), que ao lado das funções afetivas, constituem o motor do desenvolvimento cognitivo.

Analisando, do ponto de vista da relação com o outro, distingue etapas que vão desde a anomia, (ausência de regras morais que limitam o que é permitido fazer); a heteronímia, (regras impostas pelo outro) e a autonomia moral. Sobre as funções do conhecimento (cognação) Piaget realizou maior parte de seus estudos e suas aplicações práticas na educação têm origem principalmente, nestes estudos. Considera também os períodos de desenvolvimento, dotados de características bem definidas que apresentam estruturas qualitativamente diferente e preparam o indivíduo para o estágio seguinte.

Assim, a criança no estágio de operações concretas, por exemplo, apresenta uma estrutura mental que tem suas origens no período pré-operatório, que lhe permite realizar operações ou ações interiorizáveis como embrionárias da capacidade de raciocínio hipotético-dedutivo, que é próprio do estágio seguinte. Optando por utilizar a nomenclatura piagetiana, citamos os referidos estágios (**Tabela 1**).

Tipos de Estágios	Idade de ocorrência
Sensório motor	De 0 a 18 ou 24 meses; aproximadamente
Simbólico	Aproximadamente de 2 a 6 anos;
Operacional concreto	Cerca de 7 anos até aproximadamente 11/12 anos;
Operacional abstrato	A partir de cerca de 11/12 anos.

Tabela 1: Idade de ocorrência em que acontecem os tipos de estágios

Fonte: Própria dos autores.

Com base nas observações teóricas evidenciadas, o uso do miriti como recurso didático é de relevante valor, na educação, pois a criança, em todas as fases do desenvolvimento, convive e utiliza— se deste fator cultural de Abaetetuba. Participa com os pais do plantio, da colheita, do beneficiamento em forma de alimento, na compra e venda dos produtos derivados, desde a folha, utilizados na cobertura de casas, dos troncos para

construção de assoalhos, pontes e tendais, além de portas e janelas.

Os professores das localidades ribeirinhas, carentes de material didático e na maioria dos casos, atuando em escolas improvisadas, passaram a usar o miriti para criação dos recursos necessários. É oportuno dizer que os alunos, dependendo da faixa etária, participam de todas as fases, cortando, lixando, montando, pintando. Como exemplo, cita-se alguns, com as respectivas características, que em nada ficam a dever aos correlatos industrializados.

2.3 Bloco lógico, dominó, baralhos e estratégias

O Bloco lógico representa um material constituído por 48 peças, cujos atributos são: forma (quadrado, triângulo, retângulo e círculo); cor (amarelo, vermelho, azul); tamanho (grande, pequeno, maior, menor); espessura: (grosso-fino). São utilizados em atividades de classificação, seriação, introdução das noções elementares da contagem numérica, na teoria dos conjuntos (união, interseção, etc.).

O jogo de dominó, adaptado a qualquer conteúdo, das disciplinas: ortografia, operações matemáticas, ciências... é só o professor usar a imaginação e fazer as adaptações que jugarem necessárias. Tem objetivos de: Fixar conteúdos; Avaliar; Introduzir regras e limites entre o ganhar e o perder e Trabalhar conceitos matemáticos das quatro operações.

Em duplas, as crianças cortam os pedaços de miriti em retângulos de aproximadamente 6X4 cm, recortando-os e dividindo-os ao meio com traço. Um dos elementos da dupla pode colocar de um lado os nomes dos estados e o outro colocará os nomes das capitais. Seguem-se cinco modelos de dominó: estudos sociais, adição, subtração, divisão, multiplicação, ortografia.

Os baralhos oferecem grande diversidade de jogos com os quais podemos atingir objetivos psicopedagógicos, ampliados a partir de sua preparação e confecção. Podemos utilizar principalmente para os conteúdos de matemática em diferentes fases, com objetivo de: Introduzir conceitos numéricos; Trabalhar relação; Desenvolver o raciocínio lógico; Trabalhar operações matemáticas; Exercitar a coordenação motora fina; cálculo mental; regras e limites e retas e área do retângulo.

Quanto as estratégias, pode-se aplicar a alunos de terceira e quarta séries, pode-se trabalhar a área do retângulo para que dividam os pedaços de miriti formando as cartas. Para os menores deve ser dado o miriti riscado para que eles cortem, e os pré-escolares receberão as cartas já cortadas. Um dos lados da carta deverá ter estampa escolhida pela criança, igual para todas as cartas. Os numerais poderão ser recortados de revistas e colados. Com a régua a criança desenhará e pintará figuras relativas ao numeral de cada carta. Para os pré-escolares, pode ser feito com os numerais até 10 e o jogo pode ser simplificado (**Tabela 1**). Para os maiores, aumenta-se o nível de dificuldades e joga-se: Porco Rouba-monte, Ganha o maior, Rimas e Poupança; é possível a elaboração

de novos jogos em que as regras são criadas com as crianças, determinando o tipo de baralho que é necessário.

Tipos de Jogos	Faixa Etária	Objetivos
Porco Rouba –Monte	6 a 8 anos	Desenvolver a coordenação motora. Fixar atenção, memória e concentração. Estimular a competitividade e colaboração. Trabalhar conceitos numéricos.
Ganha O Maior		Desenvolve a atenção, o raciocínio lógico e trabalha com os conceitos matemáticos de tamanho, quantidade, além de exercitar mentalmente as operações matemáticas.
Rimas	7 anos	Observar percepção visual e auditiva Desenvolver atenção, memória raciocínio e concentração Estimular atitudes de cooperação e competição
Poupança	7 e 8 anos	Desenvolver o raciocínio logico matemático Introduzir conceitos matemáticos Trabalhar operações de adição e subtração Desenvolver coordenação motora Reconhecer e utilizar moedas

Tabela 2: Jogos e objetivos de acordo com a faixa etária infantil

Para o Jogo de Porco Rouba-Monte, As crianças, divididas em grupos definem tarefas para a confecção do material, que consiste em riscar e cortar o miriti no tamanho das cartas. Por fim, cabe ao professor (a) determinar os números e as figuras que devem ser desenhadas. Um baralho original pode servir de modelo para que as crianças contem e descubram as características de cada carta para montar a seu baralho de forma semelhante

De um monte de cartas, são distribuídas para cada participante, que deverá formar pares com cartas iguais. Caso não ocorra a coincidência, a criança poderá retirar uma carta do monte até que forme um par. Formando um ou mais pares, deverá colocá-las sobre a mesa, fazendo um monte virado com a figura para cima. Se algum outro participante tiver mais cartas semelhantes à que está em cima da pilha do companheiro, toma o monte para si. Assim prossegue o jogo até que todas as cartas do baralho terminem e um só jogador fique com todo o monte.

Ganha o Maior, o jogo desenvolve a atenção, o raciocínio lógico e trabalha com os conceitos matemáticos de tamanho, quantidade, além de exercitar mentalmente as operações matemáticas. Os números do baralho poderão ser adaptados ao momento educativo, e este amplia conforme o desenvolvimento do aprendizado da classe. A confecção é adaptada ao conteúdo que esteja sendo dado. O número de cartas e os números nelas contidos podem ser dados de acordo com o conhecimento do aprendiz, servindo tanto para fixação quanto para avaliação.

Nas Rimas, Com a classe dividida em dois grupos, entrega-se a cada grupo uma folha com várias figuras para que pintem, recortem e coleem em cartolinas, formando pequenas cartas. Depois de prontas, cada criança deverá ter lápis e papel em mãos. Uma criança de cada grupo retira do monte uma carta e mostra a todos. Em um minuto

o grupo adversário deverá encontrar três palavras que rimem com a da figura mostrada. Se o grupo adversário conseguir, ganha um ponto; caso contrário o outro grupo poderá mostrar suas rimas e ficará com o ponto.

Para cada jogo conhecido como poupança, divide-se o miriti em trinta cartas iguais, nas quais são desenhadas as figuras de moedas; para isto são utilizados moldes circulares e escritos os números, da seguinte forma: Sete cartas de um centavo, Sete cartas de cinco centavos, Sete cartas de dez centavos; Sete cartas de cinquenta centavos e Quatro cartas de um real

Todas as cartas são distribuídas pelos participantes. Cada jogador põe suas cartas numa pilha à sua frente, votadas para baixo. Quando chega a vez, retira uma carta: se for um real, coloca-o na poupança; caso contrário deixa-a virada para cima sobre a mesa. O próximo a jogar faz o mesmo; caso não tire um real, soma a carta da mesa com a sua, e se o resultado der um real, coloca as cartas na poupança, caso contrário, deixe também a sua sobre a mesa e assim sucessivamente, até que todos terminem suas cartas. Vence quem tiver mais dinheiro na poupança.

2.4 Cultura do miriti e componente curricular

O contexto escolar é composto por uma dinâmica e complexa da realidade. O que nos impulsiona desenvolver ações permanentes e contínuas de acordo com a realidade de cada instituição de ensino (FREIRE, 2007). Considerando este aspecto, o planejamento é o eixo que articula o trabalho desenvolvido no ambiente escolar por todos os envolvidos no educativo. O planejamento escolar diz respeito à vida dos sujeitos, pois currículo não se restringe apenas a conteúdos, mas é a própria dinâmica que flui no contexto, articulando com todos os elementos que dela fazem parte.

Segundo este procedimento passou-se a observar e investigar a “Proposta Curricular’ do Ensino Fundamental da 1º à 4º série do Município de Abaetetuba, para identificar o uso pedagógico da cultura do miriti. Ressalta-se a não inclusão na proposta, mas observou-se ao realizar os estágios de maneira abrangente e total, que a Instituição faz uso do recurso através de articulações didáticas com as necessidades e peculiaridades das turmas. Além disso, com já frisado, é proposta, e à medida que o educador desenvolve práticas pedagógicas, atentando-se para detalhes de conteúdo, referentes às áreas de conhecimento, realizando observações gradativas para construir e reconstruir aprendizagens através do respeito mútuo, valorizando conhecimentos anteriores, visto que se encontram inseridos em contexto privilegiado, cercados por uma cultura rica que estimula a aquisição de conhecimentos.

O currículo das instituições do município valoriza a cultura do miriti com adaptações pluralizadas, ou seja, proporciona atividades articuladoras, facilitando o conhecimento amplo, de forma construtiva, no que diz respeito à educação. O objetivo é segundo a

Proposta Curricular “ Proporcionar ao aluno, no decorrer do no letivo, a identificação de diferentes tipos de linguagens, estabelecendo relação entre os conhecimentos do seu cotidiano e adaptando-os aos conteúdos bimestrais”.

É necessário lembrar os procedimentos avaliativos, que estão integrados no processo educativo como meio pelo qual o professor, analisa, reflete, questiona, as dificuldades e os avanços da criança. Três aspectos são essenciais para a pratica pedagógica e para o desenvolvimento da criança no ambiente escolar: observação, registro, planejamento. Estes aspectos possibilitam ao professor encaminhar metodologicamente a ações que culminam em avaliação dos resultados para repensar a prática pedagógica voltada á valorização cultural em que o aluno está inserido.

Diante das observações, afirmações e concretizações torna-se necessário comentar a propostas que valoriza o uso da cultura popular como componente curricular, já que no município de Abaetetuba está conectado categoricamente ao uso do miriti, de suma importância para os ribeirinhos que através da arte mantém e ampliam as condições de captação de recursos em eventos, conhecidos internacionalmente. Além do mais, os educadores têm a possibilidade de projetar- se e vincular conteúdos que facilitam o aprendizado de forma satisfatória e agradável, melhorando suas práticas e aprendendo com os alunos: “Ninguém deixa de aprender se tiver a possibilidade de melhorar a sua qualidade de vida, assim como ninguém morre de fome, se houver alimento a seu alcance”, segundo Içami Tiba.

Com isso, reflete-se que a aprendizagem depende de cada um de nós, das possibilidades de partilha dos conhecimentos e da capacidade de nos expormos a eles, tornando positivos os resultados, pois “Um mestre, ao ultrapassar a função de transmitir um conteúdo programático, ensina ao aluno um estilo de vida que enobrece sua alma”. (Içami Tiba, 2003 pág. 65)

2.5 Dificuldades em desenvolver práticas pedagógicas

A discussão sobre o conhecimento escolar pressupõe, na maioria das vezes em que é realizada, uma tomada de posições em relação ao que se entende por construção de conhecimentos, principalmente pelas dificuldades encontradas na realização de atividades pedagógicas que facilitam a aprendizagem do aluno. Nesse sentido, há diferentes caminhos a serem seguidos, partindo da realidade em que o aprendiz está inserido, ou seja, da valorização cultural e social.

O mundo passa por uma revolução tecnológica, com resultados positivos e negativos: as mudanças conjunturais afetam a sociedade como um todo. No bojo deste processo de mudanças, as inovações radicais da tecnologia produzem transformações profundas na organização social, no trabalho e na vida cotidiana. O nível de especialização tecnológica deixa o homem incapaz de resolver seus próprios problemas, tem sua vida controlada através de bancos de dados, sem sequer ter consciência deste fato. É subjugado

pelo aparato tecnológico, capaz de destruir a humanidade em poucas horas. Por outro lado, o poder das comunicações aproxima os povos, diminui distâncias e torna a vida mais “fácil”. No entanto, os alunos, usuários da mídia, em que as imagens são repassadas sem censuras, de forma prazerosa e o ser humano é levado ao infinito mundo, por vezes real, por vezes imaginárias. Sabemos que, na realidade educacional dos pequenos centros urbanos o acesso aos meios inovadores é limitado, quando não, inexistente. Grandes e inevitáveis dificuldades para realizar trabalhos pedagógicos, com uso de multimeios por desinteresse político, pela falta ou desvio de recursos financeiros, afetam de maneira negativa a capacitação de profissionais e a aquisição de equipamentos.

O município de Abaetetuba depende de verbas bimestrais para atender as escolas das ilhas, que adaptam as práticas pedagógicas aos poucos recursos disponibilizados pela Secretaria de Educação, lançando mão de reciclagens e de materiais disponíveis na natureza (miriti) para realizar a construção de conhecimentos sociais, culturais, acadêmicos, sendo este um dos meios facilitadores da aprendizagem e do ensino. Maria Tereza Nidelcoff diz que:

A escola tem que ajudar a criança para que, em seu processo de crescimento, ela vá compreendendo a realidade que a cerca e nela se vá localizando lúcida e criativamente. Este processo a inicia na realidade imediata, com o meio: aprende a VER, para em seguida estender seu olhar na direção de horizontes mais largos (Nidelcoff, 1985, p. 11).

Com base nessa afirmação, concordou-se que o meio influencia na formação do cidadão e este deve ser preparado e vinculado às necessidades individuais. Vale ressaltar que se percebeu a dificuldade para realizar atividades decorrentes da falta de materiais didáticos auxiliares da prática docente, um dos fatores de grandes polêmicas contra o órgão do sistema, por não priorizar o ensino através de novas metodologias que possam realmente construir. Dessa forma detectou-se, que os objetivos encontrados na proposta curricular são subjetivos: construir, priorizar, conduzir, investir em todos os âmbitos educacionais.

Além disso, os professores não usam a cultura do miriti de maneira total por causa da falta de complemento, ou seja, materiais como: tintas variadas para pintar os brinquedos de Miriti, pincéis, estiletes (opcional) para fazer o corte mais flácido, grossuras, molas para montá-los e principalmente a falta de curso de capacitação aos docentes. Estes deveriam receber mais atenção e acompanhamentos já que, estão incluídas na proposta curricular a adaptação e vinculação dos conteúdos programáticos com a cultura do miriti. Lembrando que os professores trabalham com esse produto, mas não da maneira que deveria ser. No entanto é sugestivo e prazeroso por causa do interesse das crianças, mas percebeu-se a falta de ideias dos educadores quase defasadas. Assim também acontece com outros materiais que a escola recebe através do MEC, que os educadores sentem dificuldades para o uso correto. Cláudio de Moura e Castro repassa

que: “Convém entender que o professor precisa conhecer e aprender a usar os materiais estruturados que a escola recebe...”

Sugere que os professores querem materiais com os quais se sintam confortáveis (só vai acontecer se forem preparados para usá-los). Com isso reflete-se as necessidades de serem capacitados para desenvolver melhor as necessidades, diminuindo os problemas encontrados no decorrer da jornada educativa.

Assim, perante determinados fatos concretizados, nas observações, percebeu-se as distâncias do objetivo esperado, em contraste com a proposta curricular emitida pelo órgão do Sistema Central, SEMEC. A grande dificuldade para realizar as atividades pedagógicas é falta de materiais didáticos citados anteriormente, que dificulta a articulação da metodologia usada pelo educando da instituição. É necessário que haja um acompanhamento mais diversificado por conta da SEMEC, para fornecer subsídio. No entanto a grande contribuição dos professores é articular de maneira construtiva os conteúdos com a cultura do miriti, ressaltando que falta o órgão cumprir com o que está pautado: “Comer alimenta o corpo de energia enquanto aprender alimenta a alma de saber” (Tiba, 2003, p.33).

2.6 Divulgação da cultura do miriti pela escola

Ensinar é transmitir o que se sabe a quem quer saber. É dividir a sabedoria alcançada anteriormente, divulgar conhecimentos, alcançar objetivos positivos, que possam colaborar na construção de uma sociedade que precisa de auxílios teóricos e práticos, repassando aos alunos, os anseios necessários na sua integração social e valorização cultural.

Diante dessa afirmação e com base nas experiências vivenciadas durante o período de estágios supervisionados, percebeu-se a cultura do miriti como componente auxiliar no ensino aprendizagem, manuseado pelos professores e alunos de forma prazerosa compreendendo a parte pelo todo e não sofrendo impactos desastrosos. Piaget repassamos que “para que a criança aprenda é necessário que ela compreenda”. Isto é válido não só para aprendizagem de ciências e de matemática, mas de todas as áreas do conhecimento. Um professor que está procurando desenvolver criança inteligente não pode se contentar com a simples formação de automatismos, mas o educador deve procurar melhorar as práticas pedagógicas para construir e formar cidadãos críticos e construtores na sociedade.

Vale ressaltar que, a cultura do miriti é valorizada. Entretanto os professores buscam relacionar os conteúdos, já mencionados em outro tópico, mas, que não há divulgação desse trabalho (cultural) de maneira aplicada, onde outras instituições possam estar conhecendo e adaptando ao contexto escolar, valorizando a cultura do município. Os educadores ainda não tiveram a oportunidade que receber cursos de capacitação para trabalhar com esse material. A responsável da escola argumentou-nos que “A instituição trabalha com a cultura do miriti, de forma minúscula, pois os investimentos do órgão do

sistema SEMEC da Prefeitura, não são suficientes para abarcar com as necessidades de materiais complementares: tinta, cola, pincéis etc.” Assim não há como realizar um trabalho com divulgação ficando restrito às quatro paredes (na sala de aula).

Diante dessa observação, percebeu-se que a cultura do miriti é muito importante na escola, para ajudar os alunos a entender e aprender os conteúdos repassados. Torna-se necessário a aplicação em outras escolas, para conhecer essas práticas. Para isso acontecer precisa-se de divulgação do uso da cultura do miriti como recurso pedagógico no município.

Portanto, o trabalho pedagógico com cultura do miriti é necessário para direcionar conhecimentos que possam conduzir o aluno a uma aprendizagem concreta e construtiva na teoria e prática. Para isso acontecer, é necessário que os educadores explorem a cultura, com divulgação de feiras onde os alunos produzam e exponham materiais referentes a cada disciplina, relacionados aos conteúdos curriculares de maneira a construir conhecimentos, e mostrar que com esses objetos o aluno aprende e valoriza seu meio.

2.7 Reflexos da cultura do miriti no cotidiano escolar

No decorrer da efetivação da pesquisa, observou-se, de maneira prática, a aplicação de teorias que embasaram o curso de Pedagogia. Pode-se perceber até de maneira inconsciente, as influências no trabalho dos professores, quando junto com os alunos confeccionam materiais de apoio, alicerçados em conhecimentos interdisciplinares, justapostos ao cotidiano escolar. Percebe-se, nas tarefas, a preocupação com as aquisições anteriores de cada faixa etária, bem como de aprimoramento de conhecimento adquiridos de maneira assistemática, na família e na comunidade. Os alunos são estimulados a conhecer, comparar, escolher, emitir opiniões, perguntar, comentar, com base no vivenciado, o que lhe será útil no exercício da cidadania.

Além do que o conhecimento da cultura popular aprofunda e mantém viva a essências das origens de costumes que hoje são fator de geração de emprego e renda e, extrapolando objetivos originários, é utilizado de forma lúdica como recursos facilitadores do processo ensino aprendizagem. Vale caracterizar, ainda o esforço dos professores, na viabilização e enfrentamento de problemas pedagógicos ao usar o miriti como alternativa facilitadora na aplicação de práticas pedagógicas, muitas vezes sem conhecimento teórico. Assim, de forma geral, a utilidade do brinquedo de miriti como recurso didático configura-se de grande relevância no Ensino Fundamental de Abaetetuba.

3 | CONCLUSÃO

Resultado de amplo estudo do objeto da pesquisa, “Brinquedo de Miriti: Recurso de

Aprendizagem no Ensino Fundamental”, a principal lição (e são muitas) relaciona-se à maneira despojada e alegre com que a comunidade participou, demonstrando interesse na efetivação do trabalho. Ficou patente o esforço em propiciar condições de mostrar na Academia que o saber e o fazer dependem de esforço, determinação e criatividade.

As conclusões deste, de maneira positiva, estão ligadas à forma de como trabalhar conteúdos programáticos na relação com o cotidiano, facilitando de forma interdisciplinar, a produção do conhecimento. São exemplos práticos de elaboração de textos, cálculos matemáticos, estudo da relação homem-natureza, valorização da cultura popular, sem saudosismos, atualizada como a sociedade o é, ou pelo menos deveria ser. Cultivar a essência do saber popular, que na verdade dá origem à ciência, como fonte de observação, análise e formulação de conceitos e princípios. A aplicação educacional de conhecimentos prévios, adquiridos em atividades domésticas desde a mais tenra idade, proporciona ao aluno, a facilitação e entusiasmo nas aprendizagens elaboradas, sistematizadas, pois a assimilação se completa prática e teoricamente, de acordo com Carvalho, 1993, p. 12, **“O conhecimento é uma atividade inseparável da prática social, resultando de trocas que se estabelecem entre o sujeito e o meio natural, social e cultural”**.

Assim, valores pedagógicos do “aprender a fazer fazendo” possibilitam ao educador, construir, com os alunos instrumentos de aprendizagem necessários. Ratifica-se que estes não se constituem em meros receptores, mas sujeitos de seu próprio desenvolvimento cognitivo, motor, afetivo, enfim do desenvolvimento global, condição para o pleno exercício da condição de ser cidadão. Percebe-se nas palavras de Oliveira: a confirmação de que: ...muitas são as dificuldades do se identificar e caracterizar a função política da educação no exato momento em que se desenvolve a ação especificamente pedagógica que pretende socializar o saber elaborado. Essas dificuldades, na verdade, decorrem de outra em compreender o que é especificamente pedagógico (OLIVEIRA, 1990 p. 11).

Os aspectos negativos ficam por conta de observarem-se as limitações impostas pelas distâncias entre as localidades urbanas e rurais, que dificultaram o envolvimento de maior número de escolas, alunos e professores. No entanto, fica clara a tentativa de divulgar a cultura do miriti, ainda “fechada” em sala de aula, mas a inclusão dos pressupostos legais inseridos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nos Parâmetros Curriculares do Ensino Fundamental e na Lei Orgânica Municipal de Abaetetuba dá a base para que sejam incluídos no Plano Municipal de Educação, assuntos, que como o miriti fazem parte da vivência dos alunos e dos profissionais.

Outro fator, já incluído no bojo do trabalho, que de maneira negativa, pode descaracterizar o esforço para preservação da cultura, observado nos profissionais, alunos e famílias, é o descaso pela educação do povo. As dificuldades na aplicação de recursos como o miriti, são, na verdade a falta de materiais complementares, como tinta, lixa, pincel e outros, utilizados no acabamento das peças.

Finalizando, levantaram-se propostas subsidiadas nas observações e vivências

durante a elaboração do trabalho, colaborando para que não se perca o esforço da comunidade, por conta de interesses opostos às necessidades educacionais e culturais da população de Abaetetuba. A estas, se junta o empenho do grupo envolvido, no sentido de fazer valer os postulados legais e pedagógicos para a efetivação dos resultados aqui expostos: Intensificar o uso do miriti e de outros recursos naturais, no desenvolvimento de atividades pedagógicas interdisciplinares; Elaborar projetos que envolvam órgãos como SEBRAE, SEMEC, SECULT, para apoio técnico e financeiro que viabilizem a participação de estudantes e professores em eventos locais, regionais e estaduais; Promover feiras interescolares, por polo, e em parceria com governo e comunidade, apresentar e discutir o uso do miriti como recurso pedagógico no Ensino Fundamental e capacitar professores para a confecção e uso de brinquedos de como recurso auxiliar no processo ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

Ausubel, D (2003). Aquisição e retenção de conhecimentos: Uma perspectiva cognitiva. Lisboa: Editora Plátano.

AUSUBEL, D. P.; NOVAK, J. D.; e HANESIAN, H. **Psicologia Educacional**. Tradução de Eva Nick et al. Rio de Janeiro, Interamericana, 1980. Tradução de Educational psychology, New York: Holt, Rinehart and Winston, 1978.

AUSUBEL, David P., NOVAK, Joseph D., HANESIAN, Helen. Psicologia educacional. Tradução Eva Nick. Rio de Janeiro: Interamericana , 1980.

BIDA, Gislene Lossnitz. CARNEIRO DE PAULA, Gilma Maria. Artigo científico: **A importância da aprendizagem significativa**. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1779-8.pdf><http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1779-8.pdf>.

FREIRE. P. (2007). Educação como prática da liberdade. 30. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. Howe, M. J. A. (197:2) U”d.,....t.nding Schoo/ Ú!m!ling. N_ York: Hupor. Ro”” Publiahen.

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

OLIVEIRA e DUARTE, Betty A e Newton. **Socialização do Saber Escolar**. Editora Autores Associados,1990

TIBA. Içam. **Ensinar aprendendo**. Editora Gente, 2003.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Comportamento 180, 187

Anos Iniciais 167, 168, 178, 203

Aprendizagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 25, 27, 34, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 60, 66, 69, 71, 73, 75, 78, 82, 85, 90, 98, 99, 100, 117, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 131, 136, 138, 140, 141, 145, 146, 148, 150, 156, 157, 158, 159, 160, 167, 168, 169, 170, 172, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 191, 193, 195, 201, 203

Autoria 32, 122, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 171

B

BNCC 18, 108, 110, 112, 114, 116, 117, 119, 121, 142, 143, 197, 198, 202, 203, 204

C

Cartográfica escolar 116

Ciências Humanas 116, 117, 118, 119, 192

Colorir 180, 181, 182, 185, 186

Conselhos Escolares 197, 199, 200, 202, 204

Contextualização 2, 31, 52, 116

Conto 24, 25, 26, 31, 32, 33, 34

Criança 7, 8, 9, 11, 12, 13, 47, 50, 52, 53, 55, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 109, 114, 119, 133, 134, 135, 136, 137, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 157, 162, 163, 164, 165, 169, 170, 171, 180, 182, 183, 184

Cultura 1, 2, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 17, 20, 21, 27, 29, 38, 39, 40, 44, 47, 69, 70, 72, 73, 76, 77, 80, 83, 84, 86, 88, 89, 90, 92, 100, 122, 123, 124, 125, 129, 131, 132, 148, 149, 151, 154, 155, 158, 159, 161, 170, 171, 182, 192, 202, 204, 205

Currículo 10, 19, 20, 23, 25, 27, 30, 90, 91, 129, 131, 141, 153, 155, 197, 204

D

Desenho Infantil 133, 137

Docência 17, 18, 20, 22, 23, 205

E

Educação 2, 10, 7, 10, 12, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 27, 28, 36, 38, 44, 45, 47, 55, 56, 67, 69, 70, 71, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 111, 112, 115, 117, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 131, 132, 133, 134, 135,

136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 149, 150, 152, 153, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 167, 168, 169, 171, 172, 176, 178, 179, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205

Educação de Jovens e Adultos 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196

Educação Escolar Indígena 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 91, 92

Educação Infantil 17, 18, 23, 45, 47, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 112, 115, 117, 133, 134, 137, 138, 139, 141, 147, 160, 162, 202, 203

Educação Musical 139, 146, 147, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

Ensino e pesquisa 24

Ensino Fundamental 1, 2, 10, 14, 15, 16, 57, 58, 61, 67, 94, 96, 116, 117, 118, 167, 168, 173, 178, 192, 193

Escola São João do Tauape 94, 95, 96

Escrita 29, 30, 37, 40, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 59, 60, 61, 64, 65, 66, 135, 150, 153

Etnogeografia 78, 91

F

Formação 3, 12, 13, 17, 18, 20, 22, 23, 26, 28, 30, 31, 34, 38, 42, 45, 50, 55, 56, 59, 60, 67, 73, 76, 80, 90, 91, 96, 100, 103, 107, 117, 124, 125, 128, 131, 132, 139, 140, 157, 164, 169, 170, 191, 193, 194, 199, 200, 202, 204, 205

formação de leitor 50

Formação de Leitor 45

G

Grêmios Estudantis 122, 123, 127, 129

I

Identidade 24, 29, 30, 69, 72, 73, 76, 78, 88, 90, 91, 92, 110, 147, 163, 169, 172

Igreja Católica 52, 94, 95

Indisciplina 51, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 158, 159

Infância 3, 46, 47, 77, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 107, 147, 151, 153, 164, 165, 170

Interculturalidade 78, 82, 83, 148

Interdisciplinaridade 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 34, 35, 69, 70, 72, 73, 77

J

Jovens 29, 69, 72, 73, 74, 76, 91, 124, 129, 136, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196

L

Leitura 21, 24, 25, 26, 29, 30, 32, 33, 34, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 66, 67, 78, 100, 104, 129, 130, 138, 144, 153, 191

Ludicidade 148, 205

M

Meio Ambiente 19, 106, 107, 109, 111, 114, 116, 134, 176

Miriti 1, 2, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16

Montessori 139, 140, 143, 144, 147

Multiletramentos 57, 59, 61, 67

Música 32, 41, 72, 75, 86, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 155, 158, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Música na EJA 188, 190, 193

P

Políticas educacionais 86, 197, 201

Práticas de linguagem 57

Práticas Pedagógicas 1, 11, 12, 13, 14, 20, 27, 81, 82, 126, 148, 165, 197, 204

Projeto Político-Pedagógico 197, 199, 200

R

Reciclagem 106, 107, 109, 110

Relacionamentos interpessoais 167, 168, 170

Responsividade 57, 58, 59, 60, 61, 63, 65, 66, 67

S

Sequência 71, 83, 143, 180, 181, 183, 184, 185, 186

Sistema educacional Chinês 148, 161

T

Tapete vermelho 36, 37

Tapete Vermelho 36, 37, 40, 44

Texto literário 24, 25

Tribos Urbanas 69, 71, 72, 73, 74, 75, 76

U

Universo Imaginário 133, 135, 137

V

Variação linguística 36, 44, 75

W

Web rádio 122, 124, 126, 127, 128, 129

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020

EDUCAÇÃO:

ATUALIDADE E CAPACIDADE
DE TRANSFORMAÇÃO DO
CONHECIMENTO GERADO

8

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

AMÉRICO JUNIOR NUNES DA SILVA
(ORGANIZADOR)

Atena
Editora

Ano 2020